

IX Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXIV Jornadas de Investigación XIII Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2017.

Narrativas y experiencias en la producción artesanal en un enfoque psicoanalítico de investigación.

Pena Pereira Torres, Eneida y Barone, Leda
Maria Codeço.

Cita:

Pena Pereira Torres, Eneida y Barone, Leda Maria Codeço (2017).
*Narrativas y experiencias en la producción artesanal en un enfoque
psicoanalítico de investigación. IX Congreso Internacional de
Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXIV Jornadas de
Investigación XIII Encuentro de Investigadores en Psicología del
MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires,
Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-067/966>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRer/4MP>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso
abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su
producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite:
<https://www.aacademica.org>.*

NARRATIVAS Y EXPERIENCIAS EN LA PRODUCCIÓN ARTESANAL EN UN ENFOQUE PSICOANALÍTICO DE INVESTIGACIÓN

Pena Pereira Torres, Eneida; Barone, Leda Maria Codeço

Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior - Centro Universitário Adventista de São Paulo. Brasil

RESUMEN

Walter Benjamín, en una crítica a la sociedad moderna, observa como importante característica de la época el declive de la experiencia. El autor atribuye esa declinación a factores históricos insistiendo que él acomete otra pérdida, la de la capacidad narrativa. El concepto de experiencia para el autor trasciende la experiencia individual, pero se relaciona con la posibilidad de transmisión de una tradición, de saber propio, por ejemplo, al trabajo artesanal. De esta manera, ese trabajo de abordaje cualitativo tiene como objetivo identificar y analizar, a partir de contribuciones benjaminianas y del psicoanálisis, las narrativas surgidas a partir del trabajo artesanal. Participaron de la investigación 13 mujeres con edades entre 21 y 70 años, actuantes como voluntarias en un programa de Asistencia Social en el Gran San Pablo. Los instrumentos utilizados fueron: cuestionario sociodemográfico, entrevistas, Dibujo-Historia con Tema y siete encuentros, con duración de 2 horas cada, para Talleres artesanales. El análisis parcial de los datos, a partir de contribuciones psicoanalíticas, sugiere que la experiencia moviliza el contacto con recuerdos de situaciones placenteras o traumáticas de la infancia y que las participantes usaron los Talleres como oportunidad para hablar de lo que es personal, como las crisis, que están viviendo.

Palabras clave

Narrativas, Experiencia, Psicoanálisis, Taller Artesanal

ABSTRACT

NARRATIVE AND EXPERIENCES IN THE CRAFT PRACTICES IN A PSYCHANALYST APPROACH OF RESEARCH

Walter Benjamin, in a critique of modern society, observes as an important characteristic of the time the decline of experience. The author attributes this decline to historical factors by insisting that he undergoes another loss, that of narrative capacity. The concept of experience for the author transcends individual experience, but it is related to the possibility of transmitting a tradition, of own knowledge, for example, to the artisanal work. In this way, this work of qualitative approach aims to identify and analyze, from Benjaminian contributions and psychoanalysis, the narratives arising from the artisanal work. Thirteen women between the ages of 21 and 70 participated in the research, acting as volunteers in a Social Assistance program in Greater São Paulo. The instruments used were: sociodemographic questionnaire, interviews, Story Design with Theme in seven meetings, lasting 2 hours each, for Craft

workshops. Partial analysis of the data, based on psychoanalytic contributions, suggests that the experience mobilizes contact with memories of pleasurable or traumatic childhood situations and that the participants used the Workshops as an opportunity to talk about what is personal, such as crises, which are experiencing.

Key words

Narratives, Experience, Psychoanalysis, Craft practices

I

Conta a mitologia grega que Pandora foi criada pelos deuses do Olimpo sob as ordens de Zeus. Pandora teria sido a primeira mulher, surgida como punição aos homens por sua ousadia em roubar o segredo do fogo. A vingança de Zeus veio sob forma da linda donzela. Pandora, a que possui todos os dons, recebeu uma caixa onde guardou os presentes recebidos de cada um dos deuses do Olimpo. Afrodite deu-lhe a beleza, Hermes o dom da fala, Apolo a música. A história é longa, mas importa saber que Pandora abriu a caixa e a humanidade passou a conhecer não só as bondades, mas também os males que assolam a vida, sendo alguns deles: velhice, guerra, doenças, inveja, morte. Os presentes saltaram de forma tão violenta que Pandora teve medo e fechou a caixa antes que o último presente escapasse: a esperança.

Esta história, entre outras da Grécia Antiga, foi transmitida e preservada oralmente, através das gerações, apresentando conflitos comuns a qualquer pessoa, em qualquer tempo. As narrativas gregas buscavam explicações para o mundo que os rodeava, desde situações cotidianas da vida em família aos fenômenos naturais, grandes eventos ou sentimentos preservados na memória de uma comunidade e transformados em tradições. A repetição das narrativas ou rememoração, segundo Benjamin (2012, p.228), funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração.

As narrativas têm o potencial de fazer o ouvinte viajar, através das viagens apresentadas pelo narrador; transportar o ouvinte, do tempo da fala, para outro tempo; e têm a capacidade de preservar e transmitir aspectos significativos da História, tornando o narrar um dedicar-se a resenhar o paradoxo da vida, conforme Lopes, Wittzorecki e Molina Neto (2017). As narrativas se tornam histórias vivas oferecendo alívio para o sofrimento humano como um trabalho de elaboração e reelaboração das experiências vividas.

Aquele que conta transmite um saber, uma sapiência, que seus ou-

vintes podem receber com proveito. Sapiência prática, que muitas vezes toma a forma de uma moral, de uma advertência, de um conselho, coisas com que, hoje, não sabemos o que fazer, de tão isolados que estamos, cada um em seu mundo particular e privado. [...] O conselho não consiste em intervir do exterior na vida de outrem, como interpretamos muitas vezes, mas em “fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIN, 2012, p.11).

Vários narradores surgiram em todos os tempos e a atração pela narração demonstrou ser uma constante na história da humanidade, como forma de transmissão também de costumes, regras sociais, crenças e tradição. O narrador parece perceber que a narrativa, quando interrompida, cria a necessidade de outras narrativas e ao estudar a potencialidade da narrativa em Oficinas de Leitura durante o Mestrado, através de um pequeno vislumbre da obra de Walter Benjamin, trouxe a necessidade de retomar a narrativa desse autor.

Em “O Narrador”, parte do título de uma obra publicada por Walter Benjamin, ele diz que “é a experiência de que a arte de narrar está em via de extinção” tornando mais evidente o esmaecimento da história de Pandora. E, justificando a ignorância atual para tantas outras histórias deixadas no esquecimento, o autor esclarece que são cada vez mais raras as pessoas que tem a capacidade de narrar. Através do ensaio “Experiência e Pobreza”, também, Benjamin relaciona narrativa e experiência como conceitos em via de extinção em uma nova forma de miséria que recai sobre os homens. A experiência que, outrora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens, se perde ao notar que os homens voltavam emudecidos do campo de batalha. As experiências vivenciadas na guerra se tornaram incomunicáveis.

Antes da guerra “sabia-se também exatamente o que era a experiência: ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens” (BENJAMIN, 2012, p.123). As narrativas verdadeiras trazem uma utilidade. O narrador retira de sua própria experiência ou da experiência de outros, passadas de boca em boca, e incorpora suas narrativas à experiência de seus ouvintes.

A pobreza de experiências é uma parte da pobreza em experiências individuais e em experiências da humanidade. A industrialização e as tecnologias trouxeram, além do capitalismo, o emudecimento do homem, como aparece no filme *Tempos Modernos* de Chaplin. De acordo com W. Benjamin, a morte do narrador se torna possível quando o ser humano se torna pobre em experiências comunicáveis. A narrativa não intenta passar uma informação, pois metade de sua arte está em evitar explicações. O narrador encontra sua matéria prima, as narrativas, nas camadas mais artesanais de um povo. O trabalho manual permite a circulação de conversas e, durante muito tempo, a narrativa se desenvolveu no meio artesão e Benjamin diz que, de certo modo, ela é uma forma artesanal de comunicação. O ensaio “O Narrador” (BENJAMIN, 2012, p. 239) diz que a coordenação da alma, do olho e da mão é típica do artesão e:

A alma, o olho e a mão estão assim inscritos num mesmo contexto. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais

modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito).

Percebe-se que, através de vários estudos significativos ao propósito dessa pesquisa, experiência e narrativa são conceitos centrais nas obras de Walter Benjamin, além de “Experiência e Pobreza” (1933) e “O Narrador” (1936), e que despertam o interesse de estudiosos e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. A perda do sentido subjetivo de experiência, aquilo que é vivido, e sua relação com o ato narrativo atua como uma crítica à modernidade que retira dos seres humanos sua capacidade humana e os transforma em fantoches automatizados (BENJAMIN, 2012, p.241). Nesta análise configura-se grande parte dos trabalhos atuais indicando significativa perda da tradição apontada por Benjamin (2012, p.123) ao escrever: “sabia-se também exatamente o que era a experiência: ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens”, favorecendo a relação com o tema proposto sobre as narrativas da experiência com o trabalho artesanal a ser proporcionada a um grupo de mulheres.

A recuperação de uma experiência perdida para a modernidade não é possível, mas é possível produzir uma experiência em que seja possível a resignificação da experiência individual. Algumas pesquisas fundamentadas em teorias psicanalíticas, identificadas a partir da revisão de literatura, indicam o mesmo interesse em contribuir para essa resignificação, como as pesquisas realizadas por Aiello e colaboradores que fazem uso de alguns recursos mediadores: o procedimento de desenhos estórias com tema, dramatizações, narrativas interativas, oficinas de cartas, oficinas de arranjos florais, oficinas de criação de velas, oficinas de fotografia, entre outras (Aiello-Fernandes, Follador-Ambrósio & Vaisberg, 2012).

Na mesma linha dos trabalhos mencionados, foi solicitado à pesquisadora a realização de oficinas de decoração de caixas, por ser uma experiência já conhecida, para um grupo de mulheres atuantes como voluntárias em um serviço de assistência social na Grande São Paulo. Contrapondo a vida moderna, que já não pode ser objeto de uma narração e a perda das experiências trocadas nas rodas de conversa, a procura por uma experiência artesanal levou à revisão de literatura para a realização de uma pesquisa que propõe identificar e analisar, a partir de contribuições benjaminianas e da psicanálise, as narrativas surgidas no trabalho artesanal.

II

A pesquisa ancorada na abordagem qualitativa, e aqui realizada, se fundamenta numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos em suas interações (André, 2013). Atuando sobre a realidade em que vivem, os sujeitos a transformam e são transformados por ela, tornando as experiências cotidianas e os significados que os sujeitos atribuem as mesmas fontes de interesse dos pesquisadores. O pesquisador torna-se, desta maneira, participante da realidade dos sujeitos investigados. Trata-se de uma pesquisa que se preocupa em analisar e interpretar aspectos profundos, segundo Vasconcelos, Loreto &

Silva (2015), descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornece análise mais detalhada de hábitos, atitudes e tendências do modo de ser humano.

Considerando que uma das características da pesquisa qualitativa é exigir a explicitação de pressupostos teóricos que esperam rigor, diferentemente dos positivistas, segundo Aiello-Fernandes *et al.* (2012), sem a possibilidade de neutralidade. Os mesmos autores avaliam as abordagens qualitativas e dizem que:

São hoje várias as abordagens metodológicas qualitativas utilizadas: etnografia, fenomenologia, pesquisa-ação, análise de conteúdo, análise de discurso, abordagem narrativa, abordagem sócio histórica e outras. Ora, do ponto de vista lógico, caberia, evidentemente, incluir a psicanálise entre os referenciais qualitativos, se levarmos em conta o que esta disciplina vem desenvolvendo em termos de conhecimento sobre o ser humano (Aiello-Fernandes *et al.*, 2012).

O sujeito e o objeto, para o método específico de pesquisar da psicanálise, portam uma dimensão própria em que o objeto da pesquisa é produzido na investigação e, segundo Rosa e Domingues (2010), o desejo do pesquisador faz parte da investigação. O desafio é dar a conhecer à comunidade científica estudos que são frutos de possibilidades da validade das metodologias não cartesianas, construídas do rigor que lhe é próprio e que tenham a psicanálise como método de pesquisa (Macedo & Dockhorn, 2016). A investigação psicanalítica pode encontrar seu ponto de partida quase em qualquer lugar e o critério que julga seu valor é a riqueza heurística e não a forma circunstancial da coleta de dados (Herrmann, 2004, p.73).

A investigação científica, segundo Herrmann (2004, p.81) é composta por dois momentos fundamentais e que são de importância desigual, sendo a dimensão heurística, a essência da investigação, e a comprovação ou verificação a segunda. A descoberta é o ponto central da pesquisa e o autor vê, nas exigências curriculares de rápida publicação, obtenção de patrocínios e títulos, o crescimento da verificação invadindo e deslocando a área da descoberta.

A proposta para a coleta de dados, que pode ser considerado parte do momento da descoberta, se deu através de sete encontros para a realização de Oficinas Artesanais (gravados em áudio para posterior transcrição) que contou com a participação de 13 mulheres, idades variando entre 21 e 70 anos, participantes em um projeto de Assistência Social na Grande São Paulo.

Durante o primeiro encontro foram feitos os devidos esclarecimentos para a realização do trabalho de Oficinas Artesanais – realização de técnicas de decoração de caixas de MDF, decoupage com guardanapo e tecido, além do espaço para conversas – com a assinatura do Termo de Livre Consentimento; apresentações das participantes e preenchimento do questionário sociodemográfico que teve o intuito de complementar informações acerca das participantes. Nesse primeiro encontro uma das participantes manteve-se mais reservada e não respondeu todas as questões solicitadas pelo questionário ou no momento de apresentação, também, foi possível identificar que havia grau de parentesco entre participantes: uma mãe e filha e uma nora e sogra.

A Oficina Artesanal, proposta neste trabalho, é um espaço e um

momento de encontro em um ambiente acolhedor e adequado para a prática de uma atividade manual. As participantes são convidadas à aprendizagem de uma técnica e a falar e se expressar livremente sobre suas experiências. À prática diferenciada das Oficinas são oferecidas materialidades diferentes, tais como: madeira, papel, tecido, guardanapos, fitas, flores, velas, linhas, cartas, fotografias, entre outros, favorecendo a criação de mundos transicionais para favorecer a criação e encontro de experiências, denominados dessa maneira por Ambrósio e Vaisberg (2009) ao trabalho de oficinas psicoterapêuticas de criação que idealizaram e desenvolveram.

A materialidade da oficina artesanal é determinada pelo pesquisador/orientador devido sua familiaridade com a técnica a ser ensinada. No caso, desta pesquisa, a técnica a ser utilizada é a decoração de caixas de madeira – decoupage em MDF – com guardanapos e tecidos.

A Oficina Artesanal seguiu uma estrutura básica, do 2º ao 6º encontro, revelando aspectos individuais e de grupo: recebimento do material individual (avental, caixas, pincel, potes, lixa, pano de limpeza, tesoura, caneta) e do material coletivo (base, tinta, cola, tecido e guardanapos); explicação da fase da técnica a ser desenvolvida no dia; no segundo momento ocorreu o desenvolvimento da atividade e espaço para trocas de experiências; o terceiro momento envolvia o recolhimento e organização do material individual e coletivo e o último momento havia a escolha de uma palavra significativa para resumo do momento da Oficina Artesanal.

O sétimo e último encontro foi dedicado à realização do Desenho Estória com Tema; apresentações das produções artesanais e, a partir das mesmas, apreciação oral quanto às expectativas iniciais e a experiência vivenciada.

A partir das narrativas coletadas e organizadas em forma de texto, foi realizada uma leitura sem manipulação dos signos, como na análise de conteúdo e na análise de discurso (Silva & Macedo, 2016), e, nessa etapa do trabalho, encontra-se em andamento a análise interpretativa das narrativas, fundamentadas em contribuições psicanalíticas, podendo ser realizados certos recortes não arbitrários de acordo com a própria análise. Herrmann (2004, p.68) esclarece que a interpretação deve ampliar o sentido fazendo circular representações que ofereçam novas possibilidades de simbolização.

O método psicanalítico de pesquisa não traz novidades quanto à escolha dos participantes ou técnicas utilizadas e, diferentemente de outros métodos, não se fundamenta em resultados estatísticos. Herrmann (2004, p.82) esclarece que “há coisas quantificáveis e outras que não o são – a começar por serem coisas, como o psiquismo” o que torna inviável, nesse trabalho, quantificar atitudes, opiniões e respostas ao questionário.

III

A análise qualitativa permite a observação participativa ocorrendo a conversação de forma espontânea em que pode ser discutido o movimento individual e do grupo no decorrer da Oficina Artesanal. O referencial teórico psicanalítico considera que na constituição do grupo há interesse pelo indivíduo como parte do grupo numa ocasião determinada e para um intuito definido. A Oficina Artesanal desempenhou o papel de unir um grupo e, segundo Freud citando

Le Bom (1921/2011), se os indivíduos do grupo se combinam numa unidade, deve haver certamente algo para uni-los.

Ao considerar o desenvolvimento individual dentro do grupo é possível destacar que a maioria das conversas livres, entre as participantes, envolviam preocupações com a família e o interesse pela atividade com a finalidade de produção de renda financeira. Preocupação relacionada à modernidade que, para Benjamin, é a experiência dos choques que podem ser perceptivos e sobressaltam todo o tempo os habitantes do mundo moderno. Esses choques que transformam a própria estrutura da experiência (Hildenbrand & Farias, 2016) como algumas narrativas de experiências vivenciadas na infância e apresentadas pelas participantes.

Sendo a experiência aquilo que nos acontece, aquilo que nos passa, aquilo que nos toca, aquilo que acontece e que afeta de algum modo (Santos, 2015), os Desenhos Estória com Tema apresentam, em sua análise parcial, narrativas de caráter “era uma vez” e outras narrativas trazem aspectos informativos, endossando que cada pessoa vive sua experiência de maneira singular.

A análise parcial dos dados, a partir de contribuições psicanalíticas, sugere que a experiência mobiliza o contato com lembranças de situações prazerosas ou traumáticas da infância e que as participantes usaram as Oficinas como oportunidade para falar do que é pessoal, como crises, que estão vivenciando.

BIBLIOGRAFIA

- Aiello-Fernandes, R.; Ambrosio, F. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). O Método Psicanalítico como Abordagem Qualitativa: Considerações Preliminares. Anais. X Jornada APOIAR – O laboratório de saúde mental e psicologia clínica social – 20 anos: o percurso e o futuro. Instituto de Psicologia da USP, (23).
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Ambrósio, F. F. (2016). Potencialidade mutativa de enquadres winnicottianos diferenciados: o estilo clínico “ser e fazer”. In: SEI, M. B. (org.). Clínica Psicanalítica na universidade: interfaces, desafios e alcances. Londrina: Eduel. Livro digital.
- Ambrosio, F. F. & Vaisberg, T. M. J. A. (2009). O estilo clínico ser e fazer como proposta para o cuidado emocional de indivíduos e coletivos. Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. v. 10, n. (2), 49-55.
- André, M. (2013). O QUE É Um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade. v.(22), n. 40, Salvador, 95-103.
- Benjamin, W. (2012). Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8ª Ed. revista. São Paulo: Brasiliense.
- Dockhorn, C. N. de B. F. & Macedo, M. M. K. (2015). Estratégia Clínico-Interpretativa: Um Recurso à Pesquisa Psicanalítica. Psic.: Teor. e Pesq. v. 31 n. 4, Brasília, 529-535.
- Freud, S. (1921). Psicologia das Massas. In Obras Completas. Tradução de Paulo César de Souza (2011). São Paulo: Companhia das Letras.
- Hildenbrand, J. G. & de Farias, F. R. (2016). Remakes cinematográficos: violência estética e transformações subjetivas. InterSciencePlace, 11(2).
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In: Herrmann, F. & Lowenkron, T. Pesquisando com o método Psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lima, J. G. & Baptista, L. A. (2013). Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. Princípios Revista de Filosofia. Natal (RN), v. 20, n. 33, 449-484.
- Lopes, R. A.; Wittzorecki, E. S. & Molina, V. N. (2017). O não de Raimundo Silva: a pesquisa narrativa como alternativa teórico-metodológica para enfrentar o cerco imposto pelas políticas educativas do tempo presente. Movimento, Porto Alegre, v. 23, n. 1., 67-84.
- Macedo, M. M. K. & Dockhorn, C. N. de B. F. (2015). Psicanálise, pesquisa e universidade: labor da especificidade e do rigor. Perspectivas em psicologia – v. 12, n. 2., 82 – 90.
- Rosa, M. D; Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. Psicologia & Sociedade; v.22 (1), 180-188.
- Santos, S. V. S. dos. (2015) Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil. Pro-Posições. v. 26, n.2,(77), 223-239
- Silva, C. M. da. & Macedo, M. M. K. (2016). O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos. Psicologia Ciência e Profissão. vol.36, n.3, Brasília.
- Vasconcelos, A. M. de.; Loreto, M. D. S. de. & Silva, A. O. (2015). O consumo das mulheres idosas participantes da oficina de artesanato de um programa de terceira idade em Viçosa - Minas Gerais. IV Congresso Internacional de Envelhecimento Humano – Anais CIEH (2015) – v. 2, n. 1.